



# BOLETIM DO MUSEU NACIONAL

NOVA SÉRIE  
RIO DE JANEIRO, RJ-BRASIL

ISSN 0080-3189

ANTROPOLOGIA

N.º 39

AGOSTO DE 1983

ALIANÇA E CASAMENTO NA SOCIEDADE MODERNA:  
SEPARAÇÃO E AMIZADE EM CAMADAS MÉDIAS URBANAS \*

Gilberto Velho  
Museu Nacional — Rio de Janeiro

I — Cada vez mais a antropologia tem procurado definir as características da sociedade moderna contemporânea. Dentro de sua tradição, esta tentativa tem como referência contrastiva as sociedades tribais e tradicionais. Entre os diversos aspectos que são tomados para efetuar este contraste há um de especial importância e que será fundamental para o desenvolvimento deste trabalho. Trata-se da questão do código da aliança, de sua existência e de sua importância relativa em diferentes sociedades e culturas. Embora Lévi-Strauss seja o principal expoente e articulador teórico deste problemática (ver Lévi-Strauss espec. 1968 *a* e *b*), há todo um vasto campo de debate repleto de nuances em que muitos autores, de diferentes tendências, aparecem. Frize-se que o tema da aliança está imediatamente associado ao da reciprocidade principalmente através das formulações de Malinowski e Mauss<sup>1</sup>. Portanto, é peça essencial para o desen-

\* Trabalho apresentado na mesa redonda "Família, Honra e Sexualidade", 35a. Reunião Anual da SBPC, Belém, Pará, julho de 1983. Agradeço as observações e sugestões de Myriam Moraes Lins de Barros e de Luiz Fernando Dias Duarte do Museu Nacional, UFRJ. Cabe ainda registrar a pesquisa em andamento de Ana Luiza Rocha de Moraes, da UFRGS, com quem acabei de travar contato e que poderá trazer importante contribuição para o estudo da separação na sociedade brasileira.

Publicado com os recursos do Convênio 253-FINEP/UFRJ/Museu Nacional.

- 1 MALINOWSKI, Bronislaw — *Argonauts of the Western Pacific*. Nova York, E.P. Dutton, 1961.  
MAUSS, Marcel — "Essai sur le Don", *Sociologie et Anthropologie*, Paris, P.U.F., 1968.

P  
301.2  
023

26 SET 1983

volvimento de importantes teorias sobre a sociedade, sua organização e sua estrutura.

O casamento, dentro do código da aliança, estabelece relações entre *grupos* através da união de seus membros. Inclui-se e, ao mesmo tempo, produz reciprocidade nos mais diferentes níveis da vida social. Estabelece canais de comunicação, delimita fronteiras e elabora identidades.

Por outro lado há uma forte ênfase em trabalhos e tradições variadas sobre o caráter individualista da sociedade moderna<sup>2</sup>. *Individualismo* tem diversas acepções e, portanto, dá margem a discussões um tanto desencontradas. Entende-se aqui que significa uma valorização, ao nível da representação, da ideologia, do *indivíduo biológico* como sujeito, unidade mínima significativa da vida social (Para maiores esclarecimentos ver Dumont, 1970 e 1977).

Neste sentido, como já escrevi em outras oportunidades (Espec. Velho, G. 1981, Cap. I), não há como falar em *individualismo* pura e simplesmente mas em *individualismos*, desde que há várias maneiras de realizar o movimento desta valorização. O domínio (s) onde a ideologia individualista vai se expressar com mais nitidez e vigor é que a qualificará. A construção do sujeito pode ter como referências básicas o econômico, o político, a sexualidade, o discurso, etc., com diferentes pesos e ênfases (Ver Foucault, M. 1966 e 1977). Sem dúvida, de alguma maneira, esses domínios podem se articular mas, em princípio, há um foco principal de onde se irradiam experiências e valores, com maior ou menor intensidade e coerência.

A idéia de uma *psicologização* da sociedade procura, justamente, dar conta do que seria um processo generalizado em que o *sujeito psicológico* passa, de fato, a ser a medida de todas as coisas (Ver Figueira 1978 e Duarte 1980). Não é o homem econômico ou político mas o indivíduo portador de uma especificidade *interna particular* — de caráter, personalidade, psiquismo, etc., que torna-se a referência dominante em um discurso que tende a se espriar, culminando nas diversas correntes psicanalíticas.

---

2 Ver, entre outros:

SIMMEL, G. — "A Metrópole e a Vida Mental", In Velho, Otávio Guilherme (comp.), *O Fenômeno Urbano*. Rio, Zahar, pp. 13-28, 1967.  
WIRTH, Louis — "O Urbanismo como Modo de Vida", In Velho, Otávio Guilherme (comp.), *O Fenômeno Urbano*, Rio, Zahar, pp. 97-122, 1967.  
LASCH, Christopher — *The Age of Narcissism*. Norton, New York, 1978.

II — O universo de camadas médias da Zona Sul do Rio de Janeiro que venho pesquisando há vários anos é intensamente psicanalizado (Ver, por ex., Velho G. 1975, 1976 e 1981). Não só boa parte dos indivíduos já se submeteu a diferentes tipos de terapia de base analítica como as categoriais e o discurso psicanalítico impregnam seu cotidiano, de maneira mais ou menos consistente.

A valorização do indivíduo passa, portanto, por um modelo psicologizante quando não psicanalítico propriamente dito. Assim, existe uma forte ênfase na “descoberta de si mesmo”\*, na “liberação das repressões”, na “busca da autenticidade”, focalizando sempre as possibilidades de realização e/ou expansão de uma individualidade aceita como premissa.

É a partir deste panorama, em que configura-se um ethos, fortemente marcado pela psicologização, que procurarei retomar a problemática da aliança e, particularmente, do matrimônio<sup>3</sup>.

O casamento, pelo menos para os setores mais modernos da sociedade contemporânea, é caracterizado como sendo uma escolha recíproca, baseada em critérios afetivos, sexuais e na noção de amor. Mais uma vez a idéia do *sujeito* atuando, operando e optando é dominante. No entanto, há que nuançar este quadro em se tratando de sociedades e grupos sociais específicos, mesmo aqueles considerados como mais modernos, ao nível do senso comum. Por exemplo, no universo estudado há vários casos evidentes da importância crucial das famílias de origem na efetivação de certos matrimônios, facilitando ou criando obstáculos a sua realização. A expressão “fazer gosto” por mais que soe antiquada e/ou tradicional faz parte da experiência de indivíduos que se casaram, pela primeira vez, há dez, quinze, no máximo vinte anos. Assim, pais e parentes podiam “não fazer gosto” pelo casamento de uma filha com um homem de *status* social considerado inferior ou de um filho com uma moça cujo vocabulário soava menos convencional. Geralmente a opinião, aceitação ou rejeição por parte das famílias foi, pelo menos, uma referência fundamental para o casamento, mesmo no caso dos chamados *casais*

\* As expressões aspeadas são extraídas dos discursos do universo investigado.

3 Comecei a examinar essa questão em minha tese de doutoramento *Nobres e Anjos — Um Estudo de Tóxicos e Hierarquia*, USP, 1975. Mas retomei, recentemente, o tema por considerá-lo relevante para a compreensão de mudanças culturais significativas no universo de camadas médias urbanas.

*modernos*<sup>4</sup> que valorizam fortemente o aspecto intransferível da escolha pessoal. A questão é saber até que ponto, em grupos sociais como o investigado, o estabelecimento do vínculo matrimonial, sua estabilidade e eventual término é assunto das famílias de origem e como se delinham as relações sociais nesse contexto.

Fica claro que, na grande maioria dos casos encontra-se a dimensão da aliança enfatizada em diferentes instâncias. Estão em jogo identidade, interesses e valores de grupos que se vincularam através de dois de seus membros. No caso de haver filhos, há também netos, sobrinhos, etc. Registre-se que além do casamento propriamente dito (religioso ou civil), rituais como aniversários, batizados, Natal, entre outros, são ocasiões de encontro dos dois grupos. Troca de favores e de presentes, apoio na busca ou na melhoria de emprego, todo um sistema de expectativas é gerado, envolvendo parentes. Mesmo mais distantes, como primos, cunhados, concunhados, etc. É importante observar que este tipo de aliança envolve não só *parentes* como *amigos*. Redes de socialidade são fortalecidas ou criadas através da união de dois indivíduos. Sem dúvidas, há os casos notórios de afastamento de pessoas que não se dão bem com um dos cônjuges. Isto é mais provável de ocorrer com o *amigo* ou com o *parente distante* do que com o *parente próximo* quando os laços e obrigações costumeiramente apresentam uma carga bem maior. De qualquer forma, delinea-se um conjunto novo, reunindo parentes e amigos dos dois membros do casal, definindo uma rede de relações sociais, com novos papéis, tipos de solidariedade e situações de socialibilidade. Assim, a irmã do marido pode tornar-se amiga de sua nova cunhada, como podem desenvolver-se laços antes inexistentes entre pessoas que mal se conheciam, com novas intercessões e cruzamentos na rede. As festas são ocasiões privilegiadas para essas observações, com rituais de incorporação e integração progressiva dos dois grupos. Pode-se argumentar que, em alguns casos, já existia basicamente *um grupo* pois os esposos, companheiros, etc., já eram membros de um conjunto bem definido. Mas mesmo quando é este o caso há um reforço, através do casamento, e uma maior legitimação dos laços. Amigos podem tornar-se cunhados, compadres, concunhados, co-sogros, adicionando características novas às relações pré-existentes. Há

---

4 Ver os trabalhos de Maria Luiza Heilborn: "Compromisso de Modernidade" — Casal, vanguarda e individualismo, PPGAS, Museu Nacional, datil., 1980 e "Notas para um estudo sobre casais: a fidelidade em questão, PPGAS, Museu Nacional, datil., 1981.

casos de pessoas tornarem-se sócias em diferentes tipos de empreendimento. Por outro lado, os filhos de irmãos, primos e amigos passam a freqüentar-se, crescem juntos, vão as mesmas festas, ao mesmo ponto na praia, passam fins de semana juntos, etc. Estabelece-se, com isto, um convívio com *intimidade*. No universo em pauta os amigos podem ser tão ou mais significativos do que os parentes, em termos de freqüência de contato, apoio cotidiano e compartilhar de dificuldades. Isto não significa que pais e irmãos, principalmente, não participem de maneira relevante na vida dos casais. Isto fica mais evidente quando há necessidade de algum tipo de suporte financeiro por parte das famílias de origem. Casais jovens, em etapas iniciais de suas trajetórias profissionais, com filhos pequenos, dependem em vários planos do apoio dos pais e sogros. Não só dinheiro mas roupas, presentes de todos os tipos, facilidades e tempo para tomar conta das crianças são parcialmente supridos pelas famílias, particularmente pelos pais. É interessante verificar que o fato de ter filhos marca um importante momento do ciclo doméstico, fazendo com que, geralmente, haja uma reaproximação com a família de origem. É bom lembrar que, em muitos casos, houvera um afastamento nem sempre amistoso em nome de liberdade, desrepressão, independência, autonomia. Em certas histórias de vida há momentos de rompimento radical e rejeição dos laços e compromissos familiares. O casamento, implica, obviamente, em um afastamento, marcado ritualmente, das famílias de origem. Este processo pode ser vivido de maneira mais ou menos conflitiva. Com o passar do tempo e com o nascimento de filhos, ainda na própria gravidez, há uma reaproximação e, paralelamente, um estabelecimento de maiores contatos entre as famílias de marido e mulher. Mesmo não havendo filhos define-se, de qualquer forma, um conjunto novo de relações sociais, com contatos novos ou mais intensos entre indivíduos que tem papéis sociais redefinidos.

III — A crise conjugal e a separação alteram drasticamente este conjunto e a rede de relações constituídos através do casamento que agora se desfaz. Não só as duas famílias de origem — avós, irmãos, cunhados, tios, primos, etc., mas os amigos do casal sofrem as conseqüências do evento, havendo, forçosamente, uma reestruturação e remapeamento do campo social. Pessoas que tinham relações de parentesco por afinidade deixam de ter. Quem era cunhado, concunhado, sogro, genro, nora, etc., passa à categoria de *ex-parente*. De alguma maneira, trata-se de uma aliança desfeita. Uma vez mais, havendo filhos, há maiores probabilidades de se manter não só al-

gum tipo de contato, mas a necessidade da permanência de laços de cooperação, sem dúvida, alterados. Isto não exclui a existência de rompimentos drásticos com as pessoas deixando de se ver literalmente. Um dos casos registrados é de um ex-casal, com dois filhos, quando o pai e a mãe ao separarem-se, depois de seis anos de matrimônio, nunca mais tornaram a se ver, já decorridos mais de quatro anos da separação. Agem como intermediários parentes, amigos ou empregados como elos imprescindíveis em função das crianças. É um caso limite mas não é isolado. Ou seja, pessoas que se encontravam com regularidade e freqüentavam umas as casas das outras, deixam de se ver. Isto pode ser um movimento deliberado ou apenas circunstancial. Mas, de uma forma ou de outra, o conjunto de relações que havia se constituído, tendo como fóco o casal, se desfaz com a sua separação. Isto não impede que relações *individualizadas* possam se manter. Mas a fissão do conjunto, previamente existente, é um fato indiscutível. Em casos de separação conflituosa, com acusações de infidelidade, violência, desonestidade etc., estabelecem-se verdadeiras facções. Há situações em que um dos membros do casal é colocado como um verdadeiro réu mas sempre haverá um setor, por menor que seja, do conjunto anterior que lhe será solidário. Em casos desse tipo, o caráter dramático da separação fica mais flagrante, embora esteja sempre presente. Há confronto entre atores, uma disputa por legitimidade, prestígio, estima e reconhecimento social. A responsabilidade pelo *fracasso* do casamento (da aliança?) é que está essencialmente em jogo. São discutidos papéis e paradigmas estão em questão; o bom pai, a boa mãe, o marido e a esposa. São apresentadas versões, interpretações são cotejadas. O boato, a intriga, a inconfidência perpassam a antiga rede, criando clivagens e acentuando diferenças de ponto de vista. Não é incomum a chamada "epidemia" quando, em períodos limitados e concentrados de poucos meses, separa-se alta proporção dos casais do conjunto estabelecido através de anos de interação. Em determinados momentos parece estabelecer-se forte solidariedade entre as mulheres versus os homens, mas nem sempre isto acontece. Amigos de sexo diferente podem estreitar sua relação, dando margem à conjecturas sobre a sua natureza. No universo estudado, constituído por pessoas de nível universitário, cosmopolitas, pode haver grande variação no grau de tolerância a amizade heterossexuais. Em situações de crise e separação gera-se, muitas vezes, a expectativa de que os amigos do homem devam evitar sua ex-mulher. Trata-se de situação perigosa que pode acentuar ainda mais o processo de fissão. Depois

de alguns meses de uma separação pode-se traçar um mapa social bastante diferente, não só como resultado das fissões e facções, como do contato com outras redes sociais e conjuntos onde os ex-cônjuges, eventualmente, podem buscar novos espaços e contatos. Fazer novas amizades, restabelecer antigas, explorar outros ambientes parece ser um processo bastante típico de uma sociedade metropolitana, altamente diferenciada, que permite um campo de manobra maior do que sociedades tribais, camponesas, tradicionais. É por aí que o *individualismo* do habitante da grande metrópole encontra base, estímulo e espaço para expressão. Não se trata da existência de compartimentos estanques. Pelo contrário, a diferenciação implica na proliferação de contextos, domínios e situações com um certo grau de fluidez. O número de indivíduos não é o importante mas sim a multiplicidade de alternativas contextuais.

IV — Com tudo isso, coloca-se o problema de verificar o estatuto de um código de aliança na sociedade contemporânea e, mais particularmente, sua pertinência para a compreensão do ethos e da visão de mundo de grupos e segmentos específicos. Talvez o universo pesquisado seja um caso limite dentro da sociedade brasileira mas, de qualquer forma, levanta questões gerais sobre casamento, família, parentesco e amizade na grande metrópole<sup>5</sup>. O fato de ser um segmento de camadas médias, com alguma especificidade, pode ajudar a explicitar a tensão entre individualizar-se e incorporar-se ou ser englobado. A aliança entre os grupos é relativamente precária se comparada com outras sociedades estudadas por antropólogos. É instável e cheia de ambigüidades. Obviamente, o domínio e a linguagem do parentesco não tem um papel determinante, comparável ao de sociedades tribais, não podendo, no entanto, ser simplesmente descartados pois, como se viu, têm alta significação na construção da identidade individual. Esta é elaborada a partir da própria diferenciação da sociedade moderna metropolitana, com sua heterogeneidade e múltiplos domínios. Isto se acentua, em se tratando de um segmento com grande mobilidade, apoiado por forte ideologia individualista. As pessoas criculam mais por diferentes *regiões morais*<sup>6</sup> do que uma

5 Ver "Psicanálise e Casamento", de Jane Russo e Tania Coelho dos Santos em: *Família, Psicologia e Sociedade*, Campus, RJ, 1981.

6 Ver o clássico texto de Robert E. Park "A Cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano", in Velho, Otávio Guilherme (comp.), *O Fenômeno Urbano*, Rio, Zahar, pp. 29-72, 1967.

pequena classe média da Zona Norte do Rio de Janeiro ou a maioria dos grupos de baixa renda. Essa camada média intelectualizada, psicologizada, de Zona Sul conta com recursos materiais e simbólicos que permitem que sua identidade dependa menos da família ou de uma rede de vizinhança como grupo de referência mais exclusivo.

É interessante verificar como ficam as pessoas separadas que passam a viver, tendo ou não filhos, *sós* — sem marido ou mulher. Da mesma forma, é importante registrar um número não desprezível de adultos solteiros — homens e mulheres que, simplesmente não se casam. Se há muitas situações de pessoas separadas que tornam a se casar, duas, três ou mais vezes, encontra-se também a opção de não voltar à situação matrimonial ou jamais tê-la. Neste último caso, em princípio, não há filhos, embora encontrem-se algumas mães solteiras que, deliberadamente, optam por engravidar mesmo sem perspectiva de casamento.

O fato é que elaboram-se estratégias de sobrevivência, baseadas em crenças, valores que permitem a constituição de identidade, não passando pelos mecanismos clássicos de aliança. A ideologia individualista, como se manifesta neste segmento, permite ao indivíduo manter-se, enquanto membro de uma rede de sociabilidade, que pode incluir sua família de origem mas que se centra, basicamente, em torno da *amizade* enquanto valor. Não creio que a *amizade*, de alguma maneira, substitua o parentesco. Parece-me que a importância dos *amigos* gira em torno da especificidade da vida dos segmentos mais individualizados na sociedade metropolitana moderna. A valorização e a possibilidade de *escolha* reforçam a auto-percepção do indivíduo. Nem o parentesco, nem a religião englobam esses indivíduos que circulam entre diferentes domínios e instituições. A própria possibilidade de casar-se, separar-se e tornar a se casar está associada a essa experiência sócio-cultural. Mas o casamento, mesmo nas situações mais vanguardistas, implica em um tipo de compromisso diferente do da amizade. Seria muito interessante aprofundar em termos de análise de ethos, a noção de *amizade colorida* que implica em relações afetivas e sexuais que não constituem um casamento mas que não se esgotam em encontros isolados. Este tipo de relação que parece ser cada vez mais valorizado no *universo investigado* se caracteriza pela não co-habitação, por uma relativa independência econômica e financeira e uma forte ideologia de liberdade sexual. A *autonomia* do indivíduo e sua *liberdade* aparecem como valores básicos. No caso das mulheres este tipo de situação pode levar a uma tensão permanente com sua família de origem que

sempre procura exercer algum tipo de controle social. Não se pode imaginar que a problemática da *honra* não exista neste universo e o comportamento moral e sexual das mulheres é fôco privilegiado para evidenciar isto<sup>7</sup>. O bom nome da família, o zelo pela moral e integridade dos filhos são alguns argumentos acionados nesta busca de controle. É importante lembrar, mais uma vez, que desfeita a aliança com o fim do casamento, tende a aumentar a dependência em relação à família de origem. No caso da mulher que fica com os filhos, isto se torna mais agudo. De qualquer forma, homem ou mulher, o separado ou o solteiro encontram espaço neste universo para a elaboração de uma identidade, apoiados em outros domínios como o *trabalho* que, sem dúvida, é dos mais significativos. A rede de amigos e a sociabilidade por ela permitida fornecem outras alternativas que, no quadro da grande metrópole, associadas às opções de espaços e contextos diferenciados possibilitam um campo de manobra maior e mais rico do que em sociedades de pequena escala ou em cidades do interior. Os projetos individuais se viabilizam através de formas de reciprocidade regidas por normas talvez mais ambíguas mas com um variado leque de alternativas. Existem amizades *dura-douras* mas o importante é que podem fazer-se ou desfazer-se. Ou seja, se os laços entre amigos não obedecem a padrões rigidamente definidos de trocas e obrigações, há maiores possibilidades de estabelecer novas relações que substituam, completem ou ampliem as tradicionalmente dadas pelo universo da família e do parentesco em geral, onde o código da aliança se expressaria com maior nitidez. A amizade não pode ser definida negativamente ou como complementar aos laços de parentesco. Trata-se de um tipo de sociabilidade específica, caracterizada pela grande ênfase na *liberdade de escolha individual*. É evidente que há uma relação entre a possibilidade de separar-se e a mobilidade e plasticidade do domínio da amizade.

A separação de casais cada vez mais frequente e o maior número de adultos, vivendo sozinhos aponta, no universo pesquisado, para diferentes formas de sociabilidade e construção da identidade social. Sem dúvida, estamos diante de mudanças significativas, tanto ao nível da prática como das representações, no tocante à relação do indivíduo com a sociedade em que se insere. É uma questão a ser verificada, empiricamente, a extensão e profundidade dessas transformações.

7 Em termos de sociedade brasileira uma contribuição relevante para a problemática da honra é o artigo de Luiz Tarlei de Aragão "Em Nome da Mãe", *Em: Perspectivas Antropológicas da Mulher III*, Zahar, RJ, 1983.

## BIBLIOGRAFIA

- ARAGÃO, L., 1983 — “Em Nome da Mãe”. Em: *Perspectivas Antropológicas da Mulher III*, 51 pp., Zahar, Rio de Janeiro.
- DUARTE, L.F., 1980 — “O Culto do Eu no Templo da Razão”, datil., 38 pp., PPGAS, Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- DUMONT, L., 1966 — *Homo Hierarchicus*, 386 pp., Gallimard, Paris.
- , 1977 — *Homo Aequalis*, 270 pp., Gallimard, Paris.
- FIGUEIRA, S., 1978 — *Individualismo e Psicanálise*, tese de mestrado, Depto. de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 292 pp., PUC, Rio de Janeiro.
- FOUCAULT, M., 1966 — *As Palavras e as Coisas: Uma Arqueologia das Ciências Humanas*, 501 pp., Portugália, Lisboa.
- , 1977 — *História da Sexualidade — I — A Vontade de Saber*, 152 pp., Graal, Rio de Janeiro.
- HEILBORN, M.L., 1980 — “Compromisso de Modernidade” — Casal, Vanguarda e Individualismo, datil., 24 pp., PPGAS, Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- , 1981 — “Notas para um Estudo sobre Casais: A Fidelidade em Questão”, datil., 13 pp., PPGAS, Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- LASCH, C., 1978 — *The Age of Narcissism*, 268 pp., Norton, New York.
- LÉVI-STRAUSS, C., 1968a. — “Introduction à l’oeuvre du Marcel Mauss”. In: *Sociologie et Anthropologie*, pp. 9-44, P.U.F., Paris.
- , 1968b. — *Les Structures Élémentaires de la Parenté*, 591 pp., Mouton & Co., La Haye, Paris.
- MALINOWSKI, B., 1961 — *Argonauts of the Western Pacific*, 527 pp., E.P. Dutton, Nova York.
- MAUSS, M., 1968 — “Essai sur le Don”. In: *Sociologie et Anthropologie*, pp. 145-279, P.U.F., Paris.
- PARK, R., 1967 — “A Cidade: Sugestões para a investigação do comportamento no meio urbano”. In: Velho, Otávio Guilherme (comp.), *O Fenômeno Urbano*, pp. 29-72, Zahar, Rio de Janeiro.
- RUSSO, J. & SANTOS, T., 1981 — “Psicanálise e Casamento”. In: *Família, Psicologia e Sociedade*, pp. 277-304, Campus, Rio de Janeiro.
- SIMMEL, G., 1967 — “A Metrópole e a Vida Mental”. In: Velho, Otávio Guilherme (comp.), *O Fenômeno Urbano*, pp. 13-28, Zahar, Rio de Janeiro.

- VELHO, G., 1975 — *Nobres e Anjos — Um Estudo de Tóxicos e Hierarquia*, tese de doutoramento, Universidade de São Paulo, 184, pp., USP, São Paulo.
- , 1976 — “Accusations, Family Mobility and Deviant Behavior”. In *Social Problems*, Vol. 23, 3 pp. 268-275, February, Nova York.
- VELHO, G., 1981 — *Individualismo e Cultura — Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*, 149 pp., Zahar, Rio de Janeiro.
- WIRTH, L., 1967 — “O Urbanismo como Modo de Vida”. In: Velho Otávio Guilherme (comp.). *O Fenômeno Urbano*, pp. 97-122, Zahar, Rio de Janeiro.

WELLS, J. 1913 — *Moças e Anjos — Das Fadas do Tóxico*  
Livraria dos Livros de Doutrina, Universidade de São Paulo.  
124 pp., 1913, São Paulo.  
1918 — "Acessórios, Família, Mobilidade e Livros"  
Revista, In Social Problems, Vol. 23, p. 122-125, January,  
Nova York.  
VELHO, O. 1921 — *Indivíduos e Cultura — Notas para uma  
Antropologia da Gestalt (Contribuição)*, 142 pp., 1921, Rio  
de Janeiro.  
WIRTH, L. 1927 — "O Urbânico como Modo de Vida", In:  
Velho Odeio Velhos (comp.). O Terceiro Urânico, pp.  
27-32, 1927, Rio de Janeiro.

Produção Gráfica: Sandra Siqueira — Tel.: 225-7145

Composto e impresso na INGRAF — Indústrias Gráficas Ltda.